**TERAPIA OCUPACIONAL E AGROECOLOGIA: REFLEXÕES PARA UMA PRÁXIS ECO-SOCIAL**

Occupational Therapy and Agroecology: reflections for an eco-social praxis

Terapia Ocupacional y Agroecología: reflexiones para una praxis eco-social

**Resumo**: Esse texto objetiva promover o diálogo entre a Terapia Ocupacional (TO), enquanto campo que vem se debruçando sobre a ocupação humana, com a Agroecologia, enquanto movimento insurgente que vem reivindicando formas alternativas de se relacionar com a natureza e seus recursos, superando a Colonialidade da Natureza. É um trabalho de reflexão, tendo como base conceitos calcados principalmente na proposta teórico-prática da Terapia Ocupacional eco-social. As ocupações de sujeitos e grupos sociais estão relacionadas com seus posicionamentos ecológicos dentro do ecossistema, que pode ser destrutiva/alienada ou sustentável/consciente. Assim, para a superação de ocupações humanas pautadas no paradigma capitalista, é interessante o estabelecimento de conexões entre a Agroecologia e a TO, tendo em vista a capacidade desse profissional em pensar e intervir nessas ocupações, e, assim, construir espaços para superação de padrões ocupacionais baseados no paradigma capitalista/ agroindustrial, com outros profissionais, em uma relação interdisciplinar.

**Palavras-Chave**: Agroecologia; Colonialidade da natureza; Terapia ocupacional eco-social.

**Abstract:** This text aims to promote the dialogue between Occupational Therapy (TO), as a field that has been focusing on human occupation, with Agroecology, as an insurgent movement that has been claiming alternative ways of relating to nature and its resources, surpassing the Coloniality of Nature. It is a work of reflection, having the concepts based mainly on theoretical-practice proposal of the Occupational Therapy eco-social. The occupations of subjects and social groups are related to their ecological placements within an ecosystem, which can be destructive/alienated or sustainable/conscious. Thus, overcome human occupations based on the capitalist paradigm, it is interesting to establish connections between the Agroecology and the TO, in a view of the professional’s ability of thinking and to intervene these occupations, and, therefore, to build spaces for overcoming the occupational patterns based on the capitalist / agroindustrial paradigm, along with other professionals in an interdisciplinary relationship.

**Keywords**: Agroecology; Coloniality of nature; Occupational Therapy eco-social.

**Resumen:** Este texto tiene como objetivo promover el diálogo entre la Terapia Ocupacional (TO), como campo que viene inclinándose sobre la ocupación humana, con la Agroecología, como movimiento insurgente que viene reivindicando formas alternativas de relacionarse con la naturaleza y sus recursos, superando la Colonialidad de la Naturaleza. Es un trabajo de reflexión, teniendo como base conceptos calcados principalmente en la propuesta teórico-práctica de la Terapia Ocupacional eco-social. Las ocupaciones de sujetos y grupos sociales están relacionadas con sus posicionamientos ecológicos dentro del ecosistema, que puede ser destructiva / alienada o sustentable / consciente. Así, para la superación de ocupaciones humanas pautadas en el paradigma capitalista es interesante el establecimiento de conexiones entre la Agroecología y la TO, teniendo en vista la capacidad de ese profesional en pensar e intervenir en esas ocupaciones, y construir espacios para superación de patrones ocupacionales basados en el paradigma capitalista / agroindustrial, con otros profesionales, en una relación interdisciplinaria.

**Palabras clave:** Agroecología; Colonialidad de la naturaleza; Terapia Ocupacional eco-social.

**1 INTRODUÇÃO**

Esse estudo procura abrir novas reflexões tanto para a Agroecologia quanto para a Terapia Ocupacional, estabelecendo uma relação interdisciplinar focalizada na transformação social, política e ecológica. Subsidiando novas perspectivas as quais compreendem que a “Agroecologia convoca a um diálogo de saberes e intercâmbio de experiências; a uma hibridação de ciências e técnicas; a uma *interdisciplinaridade*” (p.42, grifo nosso)1.

Tendo em vista a globalização do capitalismo e a ampliação de padrões de ocupação humana nocivos à vida presente e futura da humanidade, esse trabalho tem como objetivo dialogar a *Terapia Ocupacional*, enquanto campo de conhecimento que vem se debruçando sobre a ocupação humana, com a *Agroecologia,* entendendo-a como um movimento insurgente que reivindica formas alternativas[[1]](#footnote-1)\* de se relacionar com a natureza e seus recursos, superando a Colonialidade da Natureza[[2]](#footnote-2)\*. Desse modo, reconhecendo a Agroecologia enquanto campo interdisciplinar, que vem ampliando-se e constituindo pontes com diversas áreas do saber, almeja-se refletir como a Terapia Ocupacional pode contribuir, enquanto profissão e campo de conhecimento, com responsabilidade social, ecológica e política, para o desenvolvimento de ocupações humanas ecologicamente responsáveis, a partir do paradigma da Agroecologia.

Trata-se de um estudo de reflexão teórica, o qual busca dialogar com os pressupostos da Agroecologia na perspectiva da Terapia Ocupacional, principalmente a partir das propostas elaboradas pela Terapia Ocupacional eco-social, á luz do autor Simó Algado2,3. Espera-se assim, pensar a Terapia Ocupacional e a ocupação humana a partir da perspectiva da Agroecologia.

A Agroecologia se estabelece e se afirma em decorrência da crise do paradigma ocidente/capitalista, da ciência tradicional17(eurocêntrica, hegemonicamente anglo-saxão), procurando estabelecer uma visão ampliada e pluralista de conhecimento, em processo de construção. Essa discussão vem se consolidando no Brasil desde 1990, sendo incorporada pelos movimentos sociais do campo, compreendida como a comunicação entre as disciplinas científicas (sociais e naturais) e os conhecimentos das comunidades rurais da América Latina, afirmando sua característica desestabilizadora do conhecimento científico tradicional, estabelecendo saberes *outros*.

A Terapia Ocupacional eco-social pode ser caracterizada como um dos movimentos importantes que vem surgindo, no final do século XX e início do século XXI, para refletir o lugar da Terapia Ocupacional dentro das contradições do sistema socioeconômica, debruçando-se sobre as possibilidades de pensar práticas críticas voltadas para as problemáticas sociais, entre elas a ecológica18. Discussão que emerge nos diálogos ibero-latinoamericanos19, propondo formas outras de compreender as realidades, saindo do viés convencional/biomédico (das zonas do Norte global/eurocêntricas e hegemonicamente em língua inglesa) para pensar a profissão, se estabelecendo, assim, novos fluxos epistemológicos em territórios historicamente subalternizados, em direção da complexidade social e do meio ambiente20. Procura-se uma TO que amplie sua relevância para dar respostas as questões contemporâneas “que repercuten de forma drástica en la plenitud ocupacional de las personas y comunidades y em su capacidad de aceder a ocupaciones significativas” (p.34)21, que atinge principalmente os sujeitos subalternizados.

Nesse sentido, a Terapia Ocupacional eco-social se estabelece como teoria e prática entre as perspectivas que almejam fugir da hegemonia teórica colonialista anglo-saxão, bem como a Agroecologia enquanto movimento que se consolida em território latino-americano e que se constrói nas bases dos movimentos sociais6,17. Sendo interessante confluir essas perspectivas para fortalecer as ambas áreas de conhecimento, pensando, sobretudo, a ocupação humana.

**1.1 A agroecologia como movimento de superação da Colonialidade da Natureza**

A Agroecologia se caracteriza como um novo paradigma produtivo, que estabelece novas relações com a natureza, com o ser humano, com a ciência, com os conhecimentos dos camponeses, quilombolas, indígenas, ente outros povos. É um movimento de “reconstrução do ser que finda sobre novas bases o sentido da produção e abre as vias a um futuro sustentável” (p.36)1. Perpassa a compreensão da natureza enquanto agroecossistema produtivo, superando limitações da racionalidade econômica que levam a sua degradação, a partir de uma apropriação destrutiva, e que, por sua vez, desencadeia a desterritorialização dos sujeitos subalternizados, que possuem relações responsáveis com os espaços (camponeses, indígenas, ribeirinhos, entre outros sujeitos).

A Agroecologia pretende estabelecer relações alternativas com a terra e seus recursos, diante de técnicas e processos de conscientização (para os recursos serem tratados a partir das suas capacidades de existência, evolução e renovação) sobre as relações de dominação nocivas ao desenvolvimento do ser humano, tendo uma relação estreita com cultura e conhecimentos dos povos camponeses e indígenas. Busca-se renovar o valor de uso da terra, superando relações de degradação e consumo alienado, com base no respeito e valorização da natureza e da diversidade cultural enquanto elementos fundamentais para a existência humana1.

Assim, a Agroecologia questiona e desestabiliza o *status quo* da Colonialidade da Natureza, quese coloca na construção dobinarismo entre natureza e sociedade, subsidiado pela colonialidade do poder e saber calcada na ideia eurocêntrica/moderna/civilizatória/urbana. Esse paradigma dita enquanto correta a relação do homem colonizador/invasor com a natureza pautada na dominação, exploração e expropriação*.* Essa ideia se constitui a partir da deslegitimação das relações mágico-espiritual-social-ancestral de respeito com a natureza dos povos subalternizados (indígenas, quilombolas, camponeses)4, para afirmar a expansão e invasão do capitalismo. Desta maneira, se qualifica como uma estratégia de acumulação de capital baseada na exploração dos territórios e recursos naturais da América Latina5, que pode ser observada pela expansão do neoliberalismo a partir do agronegócio e da própria historicidade marcada pela Revolução Verde6. Impactando na também na difusão hegemônica de padrões de comportamentos cotidianos pautados na dominação e desvalorização da natureza.

Essa colonialidade considera a existência de hegemonias de extração e compreensão da natura, em uma perspectiva macro (econômica, política e social) e micro (padrões de comportamentos cotidianos, no fazer humano, na subjetividade de ser relacionado com a natureza), considerando-a como recurso mercadológico e de consumo sem critérios, e nesse sentido, deslegitima as relações de respeito dos negros, indígenas e camponeses com a natureza, para justificar as relações de poder e dominação com a terra e com os sujeitos que vivem nela.

Nesse sentido, a difusão dessa ideologia da Colonialidade da Natureza perpassa o cotidiano de todos os sujeitos, nas dimensões micro e macrossociais, desde processos como a Revolução Verde (movimento iniciado na década de 1950 de modernização e aumento da produtividade agrícola, um pacote tecnológico focada na acumulação de capital, no agronegócio e concentração fundiária)10, até a incorporação de padrões de comportamentos cotidianos dos sujeitos (no fazer humano: como escovar os dentes, tomar banho, consumo de alimentos e demais produtos, na produção de lixo, no uso de automóveis, dentre outros comportamentos que comprometem a terra, e estão estabelecidos a partir de uma relação de dominação e alienação, pautados em um padrão de comportamento capitalista, individualista e consumista) que não busca e prioriza estabelecer um vínculo de valorização e respeito pelos recursos naturais. Logo, essa Colonialidade está arraigada no comportamento dos sujeitos, estilos de vida11, em variadas dimensões, e a Agroecologia age como movimento de contestação dessas relações nocivas (micro e macrossociais[[3]](#footnote-3)\*).

Desta forma, a Agroecologia vai além de um movimento focalizado em práticas agrícolas ou conjunto de técnicas vinculadas com o agroecossistema, mas a partir dos seus movimentos de valorização cultural e focalizando no questionamento do *status quo* das relações de poder, se constitui como um conjunto de conhecimentos que vem discutindo as relações humanas, aspectos epistemológicos, ontológicos, econômicos, culturais e sociais. Campo de conhecimento juntamente constituído com a luta de povos historicamente subalternizados pela colonialidade e capitalismo, a exemplo dos povos camponeses. Qualifica-se, então, como um movimento de resistência camponesa pelos seus modos de reprodução material e imaterial6.

**2 DIÁLOGOS ENTRE A AGROECOLOGIA E A TERAPIA OCUPACIONAL (TO): (RE) PENSAR A OCUPAÇÃO HUMANA**

A TO é uma profissão de nível superior, que intervém e pesquisa questões relacionadas com a ocupação humana, compreendendo que todo ser humano é um ser ocupacional, sendo a ocupação as “atividades estruturantes da vida cotidiana que, dotadas de significado e valor pessoal e sociocultural, promovem e expressam a participação desejada ou necessária de pessoas ou coletivos na sociedade” (p.54)13.

Montaño14 em seu trabalho *Ocupación como proceso ecológico,* traz que a ocupações não só dão sentidos e significados para a existência humana, com elas os sujeitos constituem seus vínculos no meio social, ecológico e cultural.

Las formas ocupacionales, las funciones de la ocupación, el uso de recursos y materiales con los cuales se da vida a cada una de las manifestaciones ocupacionales del ser humano impactan el ecosistema y a la vez el ecosistema con los cambios producidos por efecto del uso de sus recursos afecta la ocupación (p.129)14.

Assim, as ocupações estão estreitamente relacionadas com a natureza, uso de recursos e materiais, tendo diversos efeitos no ecossistema, e, assim, mudanças no ecossistema também afetam no uso dos recursos a partir das ocupações. Nesse sentido, há uma relação direta entre ocupação e ecossistema, estabelecido de maneira dependente, onde nem sempre há a consciência desse aspecto. Porém, se coloca como necessário questionar, problematizar, essas relações complexas, percebendo como as ocupações interagem com essas dimensões (sujeitos – ocupações – ambientes)14.

Nessa perspectiva, a TO tem o potencial para pensar e construir essas reflexões. Objetivando problematizar essas relações, mas também produzir possibilidades e estratégias ocupacionais que dialoguem a partir de um desenvolvimento verdadeiramente sustentável, tomando como base a Agroecologia, enquanto movimento desestabilizador de ocupações nocivas ao meio ambiente.

Dessa forma, procura-se pensar as perspectivas da Agroecologia em diálogo com a TO, tendo em vista essas reflexões sobre novas concepções de mundo, onde a ocupação humana está pautada na justiça social, na conscientização e na superação de padrões de comportamentos destrutivos para vida humana. A Terapia Ocupacional eco-social, vem colocando questões nessa direção, em que Simó Algado2,3 vem propondo reflexões e ações nesse sentido, como podem ser observadas nos artigos *Terapia Ocupacional eco-social: hacia una ecología ocupacional2* e *Terapia ocupacional eco-social: la ocupación humana frente a la globalización3*, desenvolvidos pelo autor. Bem como Montaño14 em seu trabalho já mencionado anteriormente.

Compreende-se, então, que a ocupação humana pode ter impactos positivos ou negativos no ecossistema, e, ao longo da história e atualmente se identifica que a ocupação humana se coloca alienada a questões ecológicas e sociais, tem se realizado a partir de uma relação de degradação da terra2,14. Porém, “Se a ocupação humana foi chave na degradação do meio ambiente, a ocupação deve ser a chave em sua recuperação/reabilitação” (Wilcock15 *apud* *Simó Algado3*, p. 08).

Assim, a TO enquanto profissão com responsabilidade política e social, também deve agir, seja em seus processos de intervenção ou produção de conhecimento, tendo em consideração aspectos relacionados à ecologia, assumindo a Agroecologia enquanto movimento emergente de resistência. Contribuindo para a construção de processos de conscientização e práxis16 calcadas em ocupações humanas que potencialize o desenvolvimento sustentável, tendo em vista que a ocupação humana não é somente destrutiva, mas capaz de transformar, reciclar, reduzir, reutilizar, ou seja, apta a produzir uma nova relação com a natureza3. Sendo fundamental olhar, dialogar e aprender juntamente os povos camponeses, quilombolas e indígenas, que estabelecem essa relação historicamente.

Os comportamentos ocupacionais historicamente produzidos com base no capitalismo e na Colonialidade da Natureza vem gerando o desmatamento da natureza, na perspectiva macro, na difusão do agronegócio, expansão neoliberal, priorizando as necessidades de concentração e acumulação econômica; e microssocial, haja vista que o ser humano tem estabelecido no seu cotidiano uma relação com o meio ambiente pautada no desrespeito, (re) produzindo ocupações nocivas à terra, desconectados com o cuidado com a natureza e imersos no ciber-mundo2,3.

Através do campo de conhecimento Agroecológico é possível subsidiar intervenções e produções de conhecimento dentro da Terapia Ocupacional. Pois, a Agroecologia, enquanto teoria insurgente e alternativa, contribui para a compreensão de como a ocupação humana (domínio da TO) se relaciona diretamente com as questões dos ecossistemas, para que, assim, se possa pensar como a profissão pode auxiliar na criação de possibilidades de ocupações alternativas para a transformação das relações de dominação e destruição da natureza. Para colocar em sua atuação uma (re) conexão do ser humano com o meio natural, no sentido de romper comportamentos de dominação antropocêntricos.

Busca-se a partir da Agroecologia, enquanto campo que tem produzido novas racionalidades, a qual estabelece diálogos com a diversidade cultural indígena, quilombola, camponesa, entre outros coletivos de resistência, bem como fazer uma TO que questione e rompa com o modelo ocupacional e civilizatório (capitalista/urbanocêntrico) dominante que “degrada o ambiente, subvaloriza a diversidade cultural e desconhece o Outro (o indígena, o pobre, a mulher, o negro, o Sul), enquanto privilegia um modo de produção e estilo de vida insustentáveis que se tornaram hegemônicos no processo de globalização” (p. 01, tradução nossa)11.

É essencial compreender a crise ambiental como uma crise social, associada com a ocupação humana destrutiva, para que, assim, possa realizar seu trabalho de Terapeuta Ocupacional olhando para essa questão, sob o paradigma da Agroecologia, buscando criar possibilidades de ação e reflexão para que os coletivos e sujeitos possam (re) significar, (re) construir e problematizar os padrões de ocupações nocivos para o ecossistema, e, acima de tudo, olhando para a diversidade cultural, valorizando os sujeitos historicamente subalternizados para pensar a construção de uma realidade alternativa e contra hegemônica.

A Agroecologia desenvolve saberes para se repensar os seres humanos, seus comportamentos, a natureza, as relações sociais, econômicas e culturais. Porém, não basta repensar, mas é emergente resgatar relações de respeito e de conservação ancestrais, dos antepassados e das comunidades camponesas, indígenas e negras que resistem a expansão do capital. A Agroecologia surge como movimento

[...] para elaborar propostas de ação social coletiva que enfrentam a lógica depredadora do modelo produtivo agroindustrial hegemônico, para substituí-lo por outro, que orienta para a construção de uma agricultura socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável (p.39)1.

A Agroecologia é movimento de transformação do hegemônico, a partir de novas enunciações e epistemologias, capaz de subsidiar a práxis16 (reflexão e ação) da TO, para que essa em sua ação tenha a ecologia como princípio da conscientização em sua prática de pesquisa e intervenção, objetivando a consciência ecológica e social. Visto que a Agroecologia, ao pensar nos modos de produção sustentáveis, conscientiza e problematiza os modos de vida, de existência sustentáveis, pensa em transformação dos padrões de ocupação humana capitalistas, sendo a TO potente dentro desse campo.

Dessa forma, os conhecimentos da Agroecologia permitem “desarrollar una terapia ocupacional eco-social, cuyo principal objetivo es la co-creación de comunidades inclusivas y sostenibles, junto a las comunidades con las que tenemos el privilegio de trabajar” (p.13)2. Assim, a profissão, sob essa égide, atuará nos espaços com o foco na produção de vidas sustentáveis, dentro das comunidades e com os sujeitos, buscando uma ocupação humana harmônica com a natureza e seus recursos, pautada na cooperação, nas relações comunitárias, no diálogo, na conscientização e na valorização cultural dos povos de resistência enquanto sujeito de enunciação de paradigmas de transformação.

Dentro disso, é necessário afirmar que a dimensão da questão ecológica está em nível microssocial, que envolvem as ocupações humanas cotidianas, seus estilos de vida, em âmbitos individuais e comunitárias, mas que se apresenta dentro de uma estrutura macrossocial, apoiadas em políticas econômicas, pautadas na acumulação de capital, na alienação da vida e na homogeneização da cultura da insustentabilidade e do consumismo14. Nesse sentido, a TO também deve se afirmar enquanto agente que pensa na dimensão política dessas ocupações, que estão dentro de um escopo, o qual envolve Estado, políticas públicas, economia e mercado, que disputam projetos societários sustentáveis e insustentáveis.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As ocupações de sujeitos ou grupos sociais estão relacionadas com as maneiras com que esses seres se relacionam com a natureza, que pode ser negativa/destrutiva/alienada ou positiva/sustentável/consciente, ou seja, está relacionada com sua consciência e posicionamento ecológico e social no mundo. Logo, para a transformação de ocupações humanas pautadas no paradigma capitalista e no desenvolvimento das mesmas baseadas na Agroecologia, é interessante que existam diálogos com profissões como a TO, que busca entender as ocupações humanas e, por conseguinte, tem a capacidade de intervir junto as mesmas, para construir espaços para superação de padrões ocupacionais baseados no paradigma capitalista/agroindustrial, juntamente com outros profissionais em uma relação interdisciplinar. Realizando essa práxis de forma individual e coletiva, mas também pensando em possibilidades de como contribuir com dimensão política e econômica para produção de ocupações como responsabilidade eco-social.

**Referências**

1. Leff E. **Agroecologia e saber ambiental**. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*.* Porto Alegre. 2002; 3(1): 36-51.
2. Simó Algado S. **Terapia Ocupacional eco-social: hacia una ecología ocupacional**. Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar*.* São Carlos. 2012; 20 (1): 7-16. doi: http://dx.doi.org/10.4322/cto.2012.001.
3. Simó Algado S. **Terapia ocupacional eco-social. La ocupación humana frente a la globalización.** Revista electrónica de terapia ocupacional Galici. A Coruña. 2013;10 (17): 1-11.
4. Walsh C. **Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado**.Tabula Rasa*.* Bogotá. 2008; 1 (9): 131-152.
5. Assis WFT. **Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo**. Caderno CRH. Salvador. 2014; 27 (72): 613-627. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000300011.
6. Guhur DMP; Toná N. **Agroecologia**. In: Caldart, R *et al.*.Dicionário da Educação do Campo*.* Rio de Janeiro. Editora Expressão Popular; 2012, p. 59 - 67.
7. Quijano A. **Colonialidad y modernidad-racionalidad.** In.: Palermo, Z; Quintero, P. Anibal Quijano. Buenos Aires. Ediciones del Signo; 2014, p. 60-70.
8. Grosfoguel R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra. 2008; (80): 115-147. doi:  DOI : 10.4000/rccs.697.
9. Ballestrin L. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política. Brasília. 2013; (11); 89-117. doi: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004.
10. Pereira MCD. **Revolução Verde.** In: Caldart, R *et al.*.Dicionário da Educação do Campo*.* Rio de Janeiro. Editora Expressão Popular; 2012, p. 685 – 689.
11. Galano C *et al*. **Manifiesto por la vida Por una ética para la sustentabilidade**. Ambiente e Sociedade. Campinas. 2002; (10): 1-14.
12. Malfitano A P S. **Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social**. Revista de Terapia Ocupacional da Univ. São Paulo. 2005; 16(1): 1-8. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v16i1p1-8>.
13. Almeida, MC *et al.* **Glossário de base para a Terapia Ocupacional na Assistência Social.** In: Chagas, JNM *et al.* Terapia Ocupacional na Assistência Social (SUAS). - Rio de Janeiro. CREFITO2; 2015, p.52-57.
14. Montaño JAM. **Ocupación como proceso ecológico**. In:Ocupación: sentido, realización y libertad. Diálogos ocupacionales en torno al sujeto, la sociedad y el medio ambiente. Bogotá. Claudia Rojas: Grupo de Investigación Ocupación y Realización Humana - Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Medicina. Departamento de la Ocupación Humana; 2011, p. 129-147.
15. Wilcock AA. **An occupational perspective of health II**. Thorofare: Slack incorporated; 2006.
16. Freire P. **Pedagogia do Oprimido.** 17 º ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra; 1987.
17. Gomes JCC. **As bases epistemológicas da Agroecologia**. In: Caporal, FR; Azevedo, EO. Princípios e perspectivas da Agroecologia. Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – Educação a Distância. – Paraná. IFPR; 2011, p.13-42.
18. Lopes RE; Barros DD; Malfitano APS. **Terapia Ocupacional Social: aportes para o desenho de um campo.** In: Cavalcanti, A.; Galvão, CRC. Terapia Ocupacional: Fundamentação & Prática. 2ª ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan; No prelo.
19. Pollard N; Sakellarou D. **Prólogo.** In: Algado, SS *et al.* Terapias Ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación. 1aed. Chile. Editorial USACH; 2016, p.27-29.
20. Iwama, M. **Prólogo.** In: Simó Algado, S *et al.* Terapias Ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación. 1aed. Chile. Editorial USACH; 2016, p.31-32.
21. Simó Algado S. **Introducción.** In: Simó Algado, S *et al.* Terapias Ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación. 1aed. Chile. Editorial USACH; 2016, p.33-37.

1. \* A Agroecologia vem se consolidando como uma *alternativa* ao modelo hegemônico pautados no sistema capitalista. Porém, compreende-se que sua finalidade é maior, ou seja, é produzir em nível epistemológico, técnico, econômico, cultural, social e política, uma alternativa que leve a *substituição e superação* do modelo hegemônico vigente, como coloca Leff1. [↑](#footnote-ref-1)
2. \* Esse conceito surge a partir das teorias articuladas pelo Grupo Colonialidade/Modernidade, constituído na década de 1990, teorias que podemos denominar de decoloniais/pós-coloniais. O conceito base para a discussão é Colonialidade, que se caracteriza pelas relações de dominação no mundo atual, que tem origem no sistema histórico do colonialismo político7. Ou seja, essa teoria “a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (p.126)8. Assim, a Colonialidade da Natureza é resultante desses processos de dominação, articulados pela Colonialidade do Poder, do Saber, da Subjetividade9. [↑](#footnote-ref-2)
3. \* A compreensão de micro e macrossocial se dá a partir de Malfitano12. Para a autora as questões microssociais são aspectos relacionados mais estreitamente com o individual, como as histórias de vida, modos de viver, trabalhar, aspectos culturais dos grupos e comunidades, aspectos subjetivos dos sujeitos. E os macrossociais dizem respeito à dimensão política, que envolve economia, políticas públicas sociais, movimentos sociais, relacionadas com a dinâmica Estado, mercado, capitalismo. [↑](#footnote-ref-3)